

## ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA ALAGOANA NO SEGUNDO TRIMESTRE DE 2016

Superintendência de Produção da Informação e do Conhecimento (SINC)

Gerência de Estatística e Indicadores

A presente Nota Técnica tem como objetivo apresentar um panorama geral da indústria, abordando alguns segmentos como: mercado de trabalho, energético, construção civil e combustíveis, para a economia alagoana no primeiro trimestre do ano de 2016, com base nos dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), Eletrobrás, Sindicato da Indústria e da Construção Civil de Maceió (Sinduscon) e Agência Nacional do Petróleo (ANP), e tem como foco o comportamento dos principais indicadores dos setores supracitados.

### 1. Emprego

De acordo com Lorenço e Romero (2002) o desemprego constitui a maior preocupação da maioria dos países desde o final do século XX, devido à modernização tecnológica, a abertura pouco criteriosa dos mercados e o aumento de distorções conjunturais. A taxa de desemprego é definida pela relação entre o número de pessoas desempregadas e a População Economicamente Ativa (PEA).

Com base nos dados do CAGED para o segundo trimestre de 2016, é possível perceber uma queda muito acentuada, se comparado ao mesmo período do ano anterior (63,92%) – quando o saldo para a indústria fechou com um saldo negativo de 24.370 postos de trabalho. Esses resultados são reflexo, das demissões nos subsetores da indústria de transformação e construção civil, responsáveis, praticamente, pela totalidade do saldo.

Os cortes do governo, em meio ao ajuste fiscal, afetaram diretamente o setor da construção civil, que teve uma redução de 56,87% no nível de emprego em comparação ao mesmo período do ano anterior. Este ajuste, aliado à grande oferta de domicílios,

impulsionada por programas de habitação, ao longo dos últimos cinco anos, cuja demanda se reduziu consideravelmente, aprofundou a crise no setor de construção civil.

Parte deste resultado deve-se ao fato de que a indústria sucroenergética inicia as demissões por conta do período entre safras, que normalmente começa no primeiro trimestre de cada ano. É válido reforçar que este segmento absorve um grande contingente de mão-de-obra em tempos de colheita e produção.

De acordo com os dados da Tabela abaixo é possível perceber uma redução do desemprego, apontando para uma perda de ritmo da crise econômica, quando comparado com o mesmo período do ano passado.

Tabela 1 - Saldo de Emprego para a Indústria, por Categoria, para o Segundo Trimestre de 2015 e 2016, em Alagoas

SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA	Saldo Segundo Trimestre (Variação absoluta)		Variação Percentual
	2015	2016	
<i>Extrativa Mineral</i>	-11	-4	-63,64%
<i>Indústria de Transformação</i>	-23.205	-5.461	-76,47%
<i>Serviços Industriais de Utilidade Pública - SIUP</i>	47	129	174,47%
<i>Construção Civil</i>	-1.201	-1.884	56,87%
<b><i>Total da Indústria</i></b>	<b>-24.370</b>	<b>-7.220</b>	<b>-70,37%</b>
<b>Somatório de todos os Setores</b>	<b>-24.442</b>	<b>-8.819</b>	<b>-63,92%</b>

Fonte: MTE (CAGED). Elaboração SEPLAG/SINC.

Quando analisamos os dados a nível nacional (Figura 1) percebemos que o estado de Alagoas segue a mesma trajetória do Brasil, no entanto, o subsetor da indústria de transformação nacional foi o mais afetado pela crise – uma vez que os estados mais industrializados sofreram mais - com uma redução de 324.626 no número de postos de trabalho. Este resultado corrobora com os dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), cuja divulgação informa que o estado de Alagoas teve uma perda de 1,7 pontos percentuais de participação da indústria no total do Valor Adicionado (VA) do estado, entre 2010 e 2013. Em 2013 a participação da indústria no VA do estado foi 17,6%.

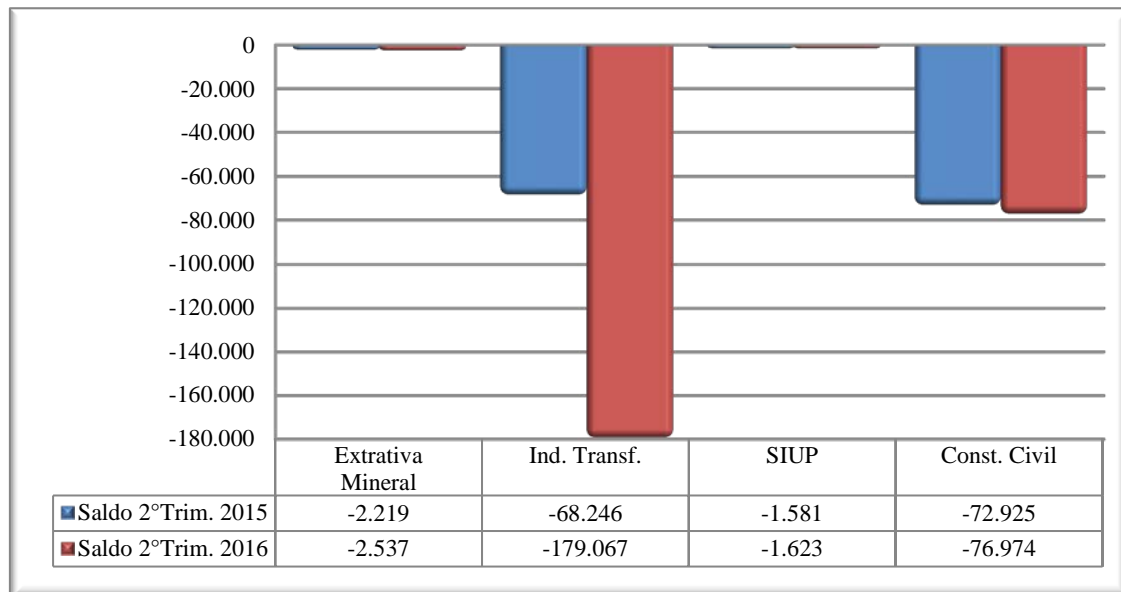


Figura 1 - Saldo de Emprego para a Indústria, por Categoria, para o Segundo Trimestre de 2015 e 2016, Brasil.

Fonte: MTE (CAGED). Elaboração SEPLAG/SINC.

Evidentemente que a retração dos gastos do Governo teve impacto no nível de emprego, como detalhando acima, da renda e da utilização de insumos, como é o caso da energia, que será detalhada abaixo.

## 2. Energia Elétrica

Amador (2010) detalha que a energia é de fundamental importância em todas as economias. Com efeito, a energia é um insumo básico em praticamente todos os processos produtivos. Deste modo, características estruturais em termos de produção e consumo de energia, bem como choques nos preços ou quantidades, têm um forte impacto na maior parte das variáveis econômicas.

A constatação acima é reforçada ao observar os dados do consumo de energia elétrica da indústria no estado de Alagoas, conforme Tabela 2, em *megawatt-hora* (MWh), para o primeiro trimestre de 2016.

Em um estudo de 2006, Soytras e Sári avaliaram a relação entre energia e produção industrial na Turquia, dados os fatores investimento e emprego fixos, chegaram a conclusão de que há uma relação de causalidade entre consumo de

eletricidade e valor adicionado na produção, ou seja, o consumo de energia aumenta conforme a produção da indústria se eleva.

A exemplo do que foi abordado na sessão 1, quando foi discutido o mercado de trabalho, o consumo de energia<sup>1</sup> no segundo trimestre de 2016 apresentou uma piora em relação ao mesmo período do ano anterior.

Tabela 2 - Consumo de Energia Elétrica em Megawatt-hora (MWh) por Segmento Industrial, para o Segundo Trimestre de 2015 e 2016.

Segmento da Indústria	Consumo de energia no 2º trimestre [MWh]		Variação Percentual
	2015	2016	
<i>Extrativa Mineral</i>	26.686	9.328	-65,05%
<i>Indústria de Transformação</i>	121.601	37.333	-69,30%
<i>Serviços Industriais de Utilidade Pública - SIUP</i>	4.322	379	-91,23%
<i>Construção Civil</i>	340	104	-69,41%
<i>Diferenças</i>	22.769	8.703	-61,78%
<b>Total da Indústria</b>	<b>179.961</b>	<b>55.847</b>	<b>-68,97%</b>

Fonte: Eletrobrás. Elaboração SEPLAG/SINC.

Ao observar os dados na Tabela acima, é possível notar, como aconteceu com o primeiro trimestre de 2016, exceto SIUP apresentou variação positiva de 27,26%, todos os segmentos industriais apresentaram variações percentuais negativas para o consumo de energia elétrica. Cabe destaque ao subsetor da construção civil, que apresentou queda mais acentuada em relação ao mesmo período do ano passado (69,41%).

No total da indústria, houve um recuo de 68,97% no consumo para o segundo trimestre de 2016. Essa performance reflete o cenário desfavorável desde o ano passado. De acordo com a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), em 2015, verificou-se no Brasil uma queda tanto na taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (3,8%) quanto no consumo de energia elétrica (2,2%) em relação ao ano anterior. Na verdade, a variação de consumo de energia elétrica é reflexo tanto do ritmo de atividade dos setores produtivos quanto do poder de compra dos trabalhadores.

<sup>1</sup> Soytras e Sári evidenciaram que há uma correlação entre emprego e energia.

### 3. Construção Civil

De acordo com Kureski et. al (2008) a indústria da Construção Civil é de fundamental importância para a estrutura econômica de um país. É grande consumidora de produtos dos outros segmentos industriais, com uma ampla cadeia produtiva. À agregação da indústria da Construção Civil e às atividades que fornecem insumos e serviços dá-se o nome de macrossetor da Construção Civil.

A exemplo do trimestre passado, o setor de Construção Civil segue a trajetória decrescente, resultado do mau momento econômico. Com a finalidade de proporcionar uma análise mais detalhada, serão abordados o Índice de Velocidade de Vendas<sup>2</sup> (IVV) e o Custo da Construção Civil por Metro Quadrado<sup>3</sup>.

Tomando a Tabela 3, observou-se que o IVV do mercado para cidade de Maceió, no segundo trimestre de 2016, teve uma redução de 36,85% em relação ao primeiro trimestre de 2015. Esse resultado fica ainda mais crítico quando compara-se com o mesmo período do ano anterior, cuja queda no índice de velocidade de vendas, para a cidade de Maceió retraiu 54%.

A queda acentuada no (IVV), principalmente para os meses de maio e junho de 2016, demonstra o decaimento do volume de vendas no mercado imobiliário da cidade de Maceió. Esses números são resultado do momento pelo qual passa a indústria e o subsetor de Construção Civil no país. As mudanças que ocorreram no marco legal do Programa Minha Casa Minha Vida, do Governo Federal, provocaram uma retração da demanda por imóveis. Somado a este fato, a oferta de imóveis, que vinha a ritmo muito acelerado, acaba por fazer o setor entrar em uma recessão, ou seja, com um grande número de imóveis à venda, com baixa demanda, não é sensato contrair mais casas e apartamentos.

Os dados do SINAPI, Tabela 3, mostra que o custo por m<sup>2</sup> aumentou, chegando

---

<sup>2</sup> Este índice é calculado para a região metropolitana de Maceió. Ele corresponde ao total das vendas de unidades habitacionais dividida pela oferta total de imóveis residenciais, multiplicado por 100.

<sup>3</sup> Em parceria com a Caixa Econômica Federal, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desenvolve a execução da mensuração deste indicador mensalmente, através do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (SINAPI).

a uma média de R\$ 1093,27 no período, que representa uma variação positiva de 7% em relação ao segundo trimestre de 2015.

Criado em 1969, o SINAPI tem como objetivo a produção de informações de custos e índices de forma sistematizada e com abrangência nacional, visando não só à elaboração e avaliação de orçamentos, como também ao acompanhamento de custos.

Tabela 3 - Indicadores (Índice de Velocidade de Vendas – IVV e Custo por Metro Quadrado em Reais) da Construção Civil em Alagoas, para o Segundo trimestre de 2015 e 2016.

Mês	Custo da Construção por m <sup>2(3)</sup> (R\$)		Variação	IVV <sup>2</sup>		Variação
	2015	2016		2015	2016	
abril	1.010,72	1.105,16	0,09	3,5	1,8	-0,49
maio	1.012,00	1.102,98	0,09	4,2	1,5	-0,64
junho	1.041,47	1.071,67	0,03	2,7	1,5	-0,44
<b>Média no Trimestre</b>	<b>1.021,40</b>	<b>1.093,27</b>	<b>0,07</b>	<b>3,47</b>	<b>1,60</b>	<b>-0,54</b>

Fonte: IBGE e Sinduscon – AL.

É válido ratificar que esse crescimento nos custos da construção por m<sup>2</sup> tende a acompanhar o aumento da inflação, pois a elevação dos preços das matérias-primas e da mão de obra provocam dificuldades para o setor, aumentando os custos.

#### 4. Petróleo e Gás Natural

De acordo com Canelas (2005) a indústria de petróleo, como parte da cadeia energética, de características infra-estruturais, gera bens que são insumos insubstituíveis na matriz produtiva de qualquer país, de grande participação na mesma, sendo estes insumos sustentáculos do modo de produção e consumo e mesmo da cultura da sociedade moderna.

Observando a Tabela 4 percebe-se que houve um aumento da produção total de petróleo, gás natural e Líquido de Gás Natural em relação ao mesmo período do ano passado (11,39%), alavancado, principalmente, pela ampliação da extração de Líquido de Gás Natural (53,82%).

Cabe destacar que este aumento na produção, também, foi direcionado por um aumento na demanda pela matéria prima, combustíveis, principalmente a gasolina. Esta expansão foi possível devido à capacidade de oferta da camada pré-sal.

Tabela 4 - Produção de Petróleo, Gás Natural, Líquido de Gás Natural, em Barris, em Alagoas para o Segundo Trimestre de 2015 e 2016

Produção (em barris equivalentes de petróleo)	2º Trimestre		Variação
	2015	2016	
Petróleo	422.777	437.314	3,44%
Líquido de Gás Natural - LGN	72.508	111.535	53,82%
Gás Natural	625.279	699.312	11,84%
<b>Total</b>	<b>1.120.564</b>	<b>1.248.161</b>	<b>11,39%</b>

Fonte: ANP. Elaboração SEPLAG/SINC.

Em síntese, os dados apresentados e discutidos na presente nota técnica apontam para a identificação de dificuldades nos setores industriais ligados a Indústria de Transformação, a Construção Civil e a Indústria Extrativa Mineral em função do ajuste pelo qual passa a economia nacional.

## REFERÊNCIAS

**Agência Nacional do petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis – ANP. Dados de Petróleo e Gás Natural.** Disponível em: <<http://www.anp.gov.br/>>. Acessado em: julho de 2016.

AMADOR, J. Produção e Consumo de Energia em Portugal: Factos Estilizados. In B. d. Portugal (Ed.), Boletim Económico (pp. 71-86). 2010.

CANELAS, A. (2005) – Investimentos em Exploração e Produção após a Abertura da Indústria Petrolífera no Brasil: Impactos Econômicos, Revista Petro e Química. Ano XXVII – Nº 270, p.148-152, março, São Paulo – SP.

Eletrobrás. **Dados de Consumo de Energia Elétrica.**

IBGE. **Dados da Construção Civil.** Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=2296>>. Acessado em: julho de 2016.

KURESKI, Ricardo; RODRIGUES, Rossan Lott; MORETTO, Antônio Carlos; SESSO FILHO, Umberto Antônio; HARDT, Letícia Peret Antunes. O macrossetor da Construção Civil na economia brasileira em 2004. 2008. Disponível em: <<http://scholar.google.com>>. Acessado em: julho de 2016.

**Ministério do Trabalho e Emprego – MTE (CAGED).** Disponível em: <[http://portal.mte.gov.br/caged\\_mensal/principal.htm](http://portal.mte.gov.br/caged_mensal/principal.htm)>. Acessado em: julho de 2016.

TEIXEIRA, L. P.; CARVALHO, F. M. A. A Construção Civil como instrumento do desenvolvimento da economia brasileira. Revista Paranaense de Desenvolvimento, n. 109, p. 9–26, 2005.

**Sindicato da Indústria e da Construção Civil (SINDUSCON – AL). Dados da Construção Civil.** Disponível em: <<http://www.sinduscon-al.com.br/>>. Acessado em: 06 de julho de 2015.

SOYTAS, U., SARY, R. The relation between energy and production: Evidence from Turkish manufacturing industry. Energy Economics. 2006.